

Primavera Árabe

MULTIDÃO VAI ÀS RUAS E, UNIDA, DERRUBA DITADURAS; MAS INSATISFAÇÃO CONTINUA

Por Bruno Scatena,
Pedro Ceballos
e Rafael Magalnik

“**C**ulpe a era em que vivemos, não me culpe”, disse o jovem Mohamed Bouazizi, um vendedor de frutas e legumes de Sidi Bouzid, Tunísia, em sua conta do **Facebook**, pouco antes de incendiar o próprio corpo em protesto ao sofrimento com a extorsão policial e com a corrupção das autoridades locais. O episódio de autoimolação, em 18 de dezembro de 2010, repercutiria no mundo todo, mas ninguém sabia, àquela altura, que aquele seria o prelúdio simbólico de uma onda de levantes que perturbaria a política dos países árabes e influenciaria outros tantos espalhados pelo planeta.

A Primavera Árabe, como ficaram conhecidas as revoltas populares na região, marca o fim de uma situação de inércia política perpetrada pelos regimes ditatoriais que governaram durante décadas muitos destes países. Cansados da corrupção na política, da falta de liberdade, do desemprego e das condições de vida miseráveis, o povo foi às ruas, protestando e organizando greves gerais – e conquistando mudanças significativas. Mas o que se projeta no futuro dessas nações e dessas populações tão castigadas por uma minoria política corrupta? A democracia realmente vai ser implantada como tanto se espera?

O professor da Fundação Cásper Líbero, Igor Fuser, doutor em Ciência Política pela USP e mestre em Relações Internacionais pela UNESP, questiona o conceito de democracia. “Em primeiro lugar, é preciso considerar o que se entende por democracia. Esses movimentos contra regimes ditatoriais no norte da África ocorrem justamente num contexto em que, em muitas partes do mundo – e particularmente na Europa –, entram em cena movimentos populares inéditos em vários aspectos, questionando os limites do tipo de democracia implantada nesses países.”

A situação do norte da África, comparada à da Europa, é ainda mais fundamental. Enquanto o movimento dos indignados questiona um tipo de democracia subserviente ao sistema financeiro e que não representa os reais interesses da população, os revoltosos nos países árabes clamam pelo mais básico direito de expressão política. “Enquanto no norte da África, a população vai às ruas pra reivindicar direitos básicos de expressão e de organização para eleger seus governantes, bem perto, no sul da Europa, massas populares estão se manifestando, apontando as dificuldades de uma democracia que seja limitada aos votos, à expressão eleitoral”.

As quedas de Ben Ali, na Tunísia, e Hosni Mubarak, no Egito, somadas à morte do ditador líbio Muammar Kaddaffi, propiciaram um novo momento político nessas nações, mas é preciso que sejam colocadas em perspectiva, antes que se possa dizer que o denominador comum de tudo isso seja mesmo um movimento estritamente democrático. “Primeiro, a democratização ainda

Auto-imolação do jovem Mohamed Bouazizi, na Tunísia, incendeia o norte da África e o Oriente Médio



© Mohamed Abd El-Ghany/Reuters



© Mohamed Abed/AFP Photo

Mesmo após 25 de janeiro, quando caiu o ditador Hosni Mubarak, egípcios continuam manifestações pelo país

Aparatos de repressão dos governos ditatoriais têm dificuldades para deter a força da Primavera Árabe

está muito longe de ser alcançada; segundo, essa democratização só vai ter um sentido real se ela proporcionar uma melhoria nas condições de vida da população, ao contrário de ser apenas uma mudança de forma. E se essa mudança for apenas de forma, a própria estabilidade democrática, com a derrubada das ditaduras, vai ficar bastante precária”, diz Fuser.

População nas ruas – “Estas são revoltas urbanas que acabaram trazendo conseqüências para um país como todo, porque existiram nas principais cidades”, afirma o professor Reginaldo Nasser, mestre em Ciência Política (UNICAMP) e doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). A justificativa para esse perfil dos levantes populares, segundo o professor, é que os sistemas financeiros estão nas cidades: “basicamente elas têm a mobilidade que caracteriza os fluxos mundiais: mobilidade de pessoas, tanto internamente quanto internacionalmente; mobilidade de ideias; mobilidade de recursos financeiros, e – não é o caso aqui –, mas que tem a ver com as questões urbanas: fluxos

de armas”. Por isso, estas sublevações populares ocorreram majoritariamente e com mais força em território urbano, como por exemplo, no Cairo e nas principais cidades da Líbia, Trípoli e Benghazi, diferentemente de outras regiões, como “o caso da Síria, onde a população urbana é uma das menores do oriente médio e o impasse, muito maior”, diz.

O que se pode concluir a partir desses inúmeros protestos nas ruas árabes são as características desses movimentos sociais, que ocorrem nas principais metrópoles mundiais, como observa Nasser. “São movimentos literalmente de novas classes, localizados nas cidades, com perfil de jovens, e uma maioria de jovens que tem conhecimento e uma participação nos sistemas de comunicação internacional.”

Intervenções – Essas manifestações populares abriram espaço para a influência de países estrangeiros. O Bahrein, que vive dominado por países europeus devido a sua privilegiada localização estratégica, sofreu a intervenção de tropas

da Arábia Saudita. “Invadiram o país a pedido do governo, da monarquia absolutista que reina no Bahrein para esmagar o movimento popular”, diz Fuser. Já na Líbia, a OTAN interviu no conflito entre as tropas de Kaddaffi e os rebeldes. “No caso da Líbia, não foi uma rebelião popular. Existiram os rebeldes que lutaram realmente contra o Kaddaffi, porém esses rebeldes sozinhos não teriam conseguido grandes coisas, eles teriam sido derrotados. Quem derrubou o regime do Kaddaffi foi a OTAN, foram mais de 40 mil missões aéreas, bombardeios aéreos durante mais de três meses, dia e noite”, completa.

No entanto, o interesse estrangeiro na região não se realiza apenas com intervenções militares, mas ocorre também dentro da política interna dessas nações e no controle da economia, das importantes jazidas de petróleo. “Esse regime do Egito que foi derrubado era um regime pró-Estados Unidos, assim como o regime da Tunísia, que nesse caso, era ligado mais diretamente à França e à Inglaterra, que são aliados, por sua vez, dos Estados Unidos, e fazem parte do mesmo bloco de poder mundial, o chamado Ocidente. Esses generais são apoiados pelos Estados Unidos. Os Estados Unidos admitem que vai ser inevitável que tenham eleições. E eles não se vão colocar contra isso, eles vão se articular para que o resultado dessas eleições seja favorável aos interesses estadunidenses no Egito.”

Crise econômica – As rebeliões no mundo árabe acontecem num momento em que a economia da Europa está mergulhada numa crise sem precedentes, na qual o modelo econômico neoliberal tem produzido políticas que acentuam cada

vez mais as desigualdades sociais e a insuficiência dos serviços públicos. “Os países europeus estão mergulhados numa crise econômica, mas não por causa da Primavera Árabe. Ao contrário, a Primavera Árabe é resultante, entre outras coisas, da crise econômica. A crise econômica tem fatores muito mais profundos, anteriores e globais. Uma grande fonte de renda em todo norte da África são as remessas de dinheiro dos imigrantes. Os imigrantes líbios, argelinos, tunisianos vão pra Europa e mandam dinheiro para as suas famílias que ficam nesses países. Muitos desses imigrantes estão desempregados, ganhando menos do que ganhavam antes em empregos precários na Europa. Isso acaba agravando a situação econômica nesses países. A ajuda internacional diminui e assim por diante. Mas não é a Primavera Árabe que tenha causado esses problemas”, diz Fuser.

O que se observa é uma mudança no fluxo de imigração mundial, com muitos latino-americanos abandonando nações europeias e rumando para os países ditos emergentes. Por exemplo, na Espanha, onde os índices de desemprego são os maiores de toda União Europeia, pela primeira vez em 35 anos o registro de entrada de população ativa foi menor que a saída. A imigração africana para a Europa deve seguir o mesmo padrão e diminuir com a crise econômica. Como observou Nasser: “A Europa como pólo de atração dos imigrantes vai deixar de existir”.

Já em relação aos investimentos europeus no Oriente Médio e no norte da África, Reginaldo Nasser arrisca uma projeção otimista para economias em ascensão, como Brasil, Índia e China, “há um movimento de reverso com a ascensão dos

chamados países emergentes, e que vai minimizar esse impacto da crise europeia no Oriente Médio. A disputa ali pelos mercados vão se dar mais entre os emergentes. Haverá uma retração dos investimentos europeus e da presença europeia no Oriente Médio. Uma certa retração, mas não uma ausência”.

Redes Sociais – “As redes sociais tiveram um papel fundamental. Foram um instrumento. Eu lembro da minha época de movimento estudantil, no final dos anos 70. Se a gente tivesse celular, Facebook e Twitter, seria muito mais fácil, ao mesmo tempo em que seria muito mais difícil para as ditaduras se sustentarem no poder. Essas novas tecnologias de comunicação são um instrumento, que, na medida em que criam novos canais de contatos muito rápidos e ágeis entre as pessoas, favorecem a disseminação de qualquer tipo de ideias. Absolutamente tudo circula por eles”, diz Igor Fuser.

No Egito, onde as novas tecnologias foram muito importantes, na medida em que os manifestantes organizavam protestos e coordenavam esforços via Facebook, forneciam notícias por meio do Twitter e espalhavam ideias pelo Youtube, as redes de telefonia e a Internet foram cortadas pelo regime durante cinco dias, prejudicando a economia e o turismo do país, somando uma perda de 95 milhões de dólares. Porém, a população continuou nas ruas. “Eu não diria que foi um papel decisivo. Diria o contrário, que se não existissem esses meios, o povo ia pra rua do mesmo jeito, por outras formas. Quem derrubou o regime do Mubarak não foi o Twitter nem o Facebook. Quem derrubou o regime do Mubarak foi o povo na rua. O ponto decisivo foi a vontade de espírito de luta e os instrumentos foram usados de maneira muito inteligente e criativa. Essa tecnologia não é um elemento central, é um elemento acessório.”, conclui Fuser.

Já na opinião de Nasser “as redes sociais são importantes e fundamentais, mas tanto quanto outros meios de comunicação foram e continuam sendo. A mídia é muito boa para mobilizar, mas, passado este momento, é preciso organização. Veja o caso do Egito: a Irmandade Muçulmana teve pouca ou quase nenhuma participação no início e durante o processo de mobilização. Agora que é o momento de reconstrução, eles estão dominando o processo”.

Mobilizações digitais, levantes, revoltas ou revoluções: é difícil definir exatamente, no calor dos acontecimentos, as transformações por que passam os países árabes e, de maneira geral, o grito que ecoa pelas praças de todo o mundo. Mas o desafio, daqui para frente, é um só. Ex-deputado da Comissão de Relações Exteriores do Conselho da Europa, José Luiz Del Roio tem uma ideia sobre isso: “o denominador comum, eu diria, é a busca pela dignidade. É isso que se pode extrair de movimentos tão plurais e diferentes. E é preciso, agora, um programa político prático. É normal que agentes políticos mais tradicionais, como a Irmandade Muçulmana, por exemplo, ocupem esses espaços que ficam vazios com a queda de regimes. Eles têm algo de prático a oferecer e é preciso que os jovens como os da praça de Tahrir também tenham essa consciência. Se você me perguntar qual o projeto político mais eficaz que eu já vi, eu diria que era o do Lênin. Só três palavras: paz, pão e terra. É isso o necessário: saber o que queremos em termos concretos. Só assim é que se pode conquistar espaços na política.”



© Hasan Jamal/Flickr



© Zohra Bensemra/Reuters

Com egípcios, tunisianos, líbios, sauditas, iemenitas e tantos mobilizados, mudanças não devem terminar tão cedo no mundo árabe

Começando na Tunísia, a onda de protestos se espalhou por todo o norte da África, Oriente Médio e pelo mundo